

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 21 DE OUTUBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual . . . 12\$000
 " semestral . . . 7\$000
 Numero avulso . . . \$200
 " atrazado . . . \$300

SUMMARY.—Historia dos sete dias, *Chrispim Faz Tudo*; A proposito de plagios — *G. Redondo*; Medalhões de arizes — *V. Mendes*; Poesia e Poetas — *A. Magno*; Em ouro, soneto — *V. Silva*; Cuiosidades litterarias: A' beira-mar, poesia — *L. Rosa*; Vivendo — *R. Braga*; Inverno, soneto — *P. Junior*; Os collegas: Os que surgem: Neve e sol, soneto — *Atcindo Coelho*; Factos e Noticias: Collaboração: Que dois! — *P. Sylvano*; Correio: Archivo.

Historia dos sete dias

As chronicas foram sempre para mim objecto da mais especial agerisa. Abominei-as sempre e, no entanto, por uma singularidade inexplicavel leio-as, arrependendo-me ordinariamente no fim, porque poucas não têm sido as peças que ellas me hão pregado.

O facto de me achar aquil nada mais é do que o resultado de um desses logros. Eu me explico.

Lia muito tranquillamente na minha pucata villa do Limão Verde as folhas desta capital quando chegou a vez d'A SEMANA. Escusado dizer que a adoro. Não fosse ella dirigida pelo meu velho camarada José do Egypto, o mesmo que redigiu em Limão Verde "A Idéa", de que, chronicas atraz, deu longa noticla.

Ia, pois, começar a leitura d'A SEMANA quando reparei que a famosa "Historia dos sete dias", não estava assignada pelo meu querido José e sim por um Sr. João Sincero. Confesso que a substituição embaralhou-me os sentidos e procurei avidamente saber o "porque" da ausencia do habitual chronista...

Facil me foi achar! Arredado do glorioso serviço, victima de macacôa, dizia o tal Sr. Sincero! De nada mais quiz saber; mandei preparar a Tapióca, a minha velha tordilha, e lá vim, morros e planicies, até á estação da estrada de ferro, onde a troco de não magros mil réis pude obter um excellente logar no trem, logar deliciosamente sujo.

O trem devia chegar ás 9 horas, mas só á meia noite logrei recolher-me ao hotel do Caboco onde passei a noite para, pela manhã bem cedo, ir visitar o meu José.

Dito e feito. Mal o sól acordara no seu leito de fogo, como diria qualquer poeta, e já eu me achava a caminho da casa

do José. Ao dobrar uma rua ouvi uma voz que me chamava: Chrispim, Chrispim. Reconheci-a, e dei logo com o meu José que me abraçou compadrescamente. Inquerei da sua macacôa e soube então que tinha sido um pretexto futil do tal Sr. Sincero para desculpar a ausencia de José, todo embrenhado no mattagal da politica!

Declaro-lhes que não me agradou a pilherla e mais uma vez reconheci quão sensata é a minha aversão pelas chronicas. Deixar a minha remançosa villa, suppondo vir cumprir um dever de amigo e sair redondamente logrado...

Emfim, via o meu José e preparava-me para o almoço quando o velho amigo disse-me:

— Chrispim, eu não posso escrever a "Historia dos sete dias" para A SEMANA. Não tenho tempo, e estou baldo de idéas. Escreve-a tu, faze-me esse favorão!...

— Mas...

— Nada de replica: E' um serviço que me prestas. Recusas?

— Não, respondi friamente, e pouco depois, sem dar mais palavra ao meu amigo, despedimo-nos e caminhei sózinho.

Chegar ao Rio de Janeiro em pleno estado de sitio e ser obrigado a escrever uma chronica cu, o inimigo dos chronicistas e das chronicas, eu que acabava de ser victima de uma dellas! E pensando sobre tudo isto distrahi-me e só dei accórdode mim, quando ouvi fortes assobios e gritos. Chamei ás pressas a razão e verifiquei que a causa dos taes assobios tinha sido uma bala expellida por uma das fortalezas e que cahira muito distante do alvo... Reconheci então, com grande pasmo, que o heroico povo desta capital transformára o bombardeio em "sport" e assim applaudia ou vaiava os bons e máos tiros. Deliciou-me aquelle espectáculo. O Passeio Publico, onde me achava, apinhado de gente—homens, mulheres e crianças, todos armados... de binoculos; os caes, praias e mórros adjacentes também cheios, repletos de observadores que se deleitavam.

Admirei também a extrema habilitade dos nossos artilheiros, que queriam a todo transe arrazar a fortaleza de Villegaignon, mas que só conseguiam reduzir á orphandade milhares de peixes, e transformavam a bahia do Guanabara n'um vasto lago, cheio de bellas e enge-

nhosas columnas d'agua... Contemplava, como os outros, esse espectáculo, quando accudio-me á idéa da obrigação que tomára de escrever a "Historia dos sete dias." Lentamente, arrastando na areia do jardim a minha bengala de unicornio, dadiua do meu sempre chorado conego Pimenta, sahi do Passero Publico e encaminhei-me para o "Hotel Freitas" a fim de almoçar.

Ahi agarrei um jornal e dei logo com a noticia da morte do illustre marechal Mac-Mahon, o celebre ex-presidente da França e que tão bellos exemplos deu na sua vida militar e na sua vida politica e, ao ler as linhas do necrologio, entrei a reflectir sobre mil assumptos e acabei por achar que o marechal Mac-Mahon foi realmente um grande homem...

Sem almoçar, impressionado, sahi do hotel e de novo veio-me bailar satanicamente no cerebro a obrigação que contrahira para com o José de Egypto.

Mas finalmente sobre que escreveria eu? Sim, sobre que?!

O estado de sitio, sendo um estado interessante, priva com tudo um pouco, maxime a mim, pobre habitante de Limão Verde, pacato logarejo onde só houve a briga entre o Estulano e o Ambrosio, hoje compadres e intimos amigos, e onde só se publicaram dous jornaes "o Busca-pé," redigido pelo conego Pimenta, e annes depois "A Idéa," do meu José.

Sem achar solução para o magno problema encontrou-me a noite, e a manhã seguinte veio também levantar-me da cama, ainda ás voltas não com o somno mas com a idéa.

E nada de solução; o meu trapecio imaginativo jazia parado como o relógio da ex-capella imperial.

Neste entrementes ouviu-se fortissimo canhoneio e logo um sujeito alto, de bastas barbas, que me disseram ser o Dom Boato, avisou-nos, muito á puridade, de que estava á barra a poderosa esquadra suissa que ia bombardear a cidade.

Tremi e transido de susto, resolvi abalar e dirigir um bilhete de adeus, ao querido José do Egypto disendo-lhe, ao mesmo tempo, que não me havia sido possível escrever a Historia dos sete dias!

CHRISPIM FAZ TUDO.

A proposito de plagios

(CARTA A UMA SENHORA)

Minha senhora :
Pede-me V. Ex. que lhe diga se o seguinte soneto de M. P. Cepellos

AS ANDORINHAS

Quando do inverno triste vem chegando
A algente estação com seus rigores;
Quando no prado não florescem flores
E vai todo o arvoredo desfolhado,

—As andorinhas, garrulas, em bando,
Emigram (como outr'ora os meus amores
Do triste peito gelido de dores)
Outros paizes longe procurando...

Mas, sorridente vem a primavera
E torna o vergel florido como era,
E as andorinhas a chillar, joviaes,

Voltam de novo ao ninho abandonado;
No entanto o amor, que me deixou magoado,
Ao coração não voltará jamais!

(Do DIARIO POPULAR—Março 1893).

não será um plagio disfarçado da formosa poesia do poeta hespanhol Becker —“Las golondrinas”—cuja primeira estrofa diz assim :

Volverán las oscuras golondrinas
En tu balcón sus nidos á colgar
Y otra vez con el ala, sus cristales
Julgando llamarán,

Pero aquellas que el vuelo refrenaban
Tu hermosura y mi dicha a contemplar
Aquellas que aprendieron nuestros nombres
Esas no... volverán.

E eu respondo, sem trepidar, pela negativa, mesmo porque, antes de Cepellos e de Becker, já Wenceslau de Queiroz havia escripto, ha dez annos, sobre o mesmo titulo “As Andorinhas,” os seguintes versos, que vêm no seu pequeno volume “Os Goivos” :

Chilreando ellas se foram
Em bandos festivos
Em busca de outros climas...

Parlaram... eu as vi
Cortando os ceus azues

E foram... e com ellas
A minha mãe bondosa;
Ah! ellas voltarão um dia em bando,
Pelos espaços lueidos saudando
O termo das procellas...
Mas tu não voltarás, alma saudosa...

E, ainda dez annos antes de Wenceslau de Queiroz, já o nosso Lucio de Mendonça havia escripto esta quadra :

A' terra morta n'um inverno inteiro
Voltam a primavera e as andorinhas;
E nunca mais vireis, ó creanças minhas,
Nunca mais voltarás, amor primeiro!

(NEVOAS MATUTINAS—1872, 1.ª edição, pag. 103).

na mesma occasião em que Narcisa Amalia escrevia tambem, sem ter conhecimento dos versos de Lucio :

Desde então, comprimindo atrás angustias,
Vou te esperar á beira do caminho;
Voltam cantando ao sol as andorinhas,
Só tu não voltas ao deserto ninho !...

(NEBULOSAS—1882, 1.ª edição, pag. 42)

E isto, depois que Soares de Passos, o mallogrado poeta portuense, já havia escripto, em 1850, isto é, vinte e dois annos antes de Lucio de Mendonça e de Narcisa Amalia :

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Virá de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois finidos p'ra sempre, jamais voltareis.

(POESIAS—1875, 6.ª edição, pag. 135).

Ora, já vê V. Ex. que, se tivermos de accusar Cepellos de haver plagiado Becker, é preciso accusar Becker de haver plagiado Wenceslau de Queiroz, Lucio

de Mendonça e Narcisa Amalia e a estes de haverem imitado muito de perto, para não dizer plagiado, Soares de Passos.

E isto porque, nos versos transcriptos o pensamento é o mesmo ou quasi, apenas vestido ou disfarçado com a roupagem diversa da forma.

Ora, o facto de dous ou mais escriptores, poetas ou prosadores, apresentarem o mesmo pensamento ou idéa com forma varia ou mesmo semelhante, não constitue plagio; significa apenas, minha senhora, que, em litteratura, originalidade é uma “avis rara,” que poucos conseguem apanhar, porque o circulo que a imaginação humana tem de percorrer é tão limitado, que muito naturalmente o mesmo pensamento deve occorrer a diversos.

E as provas desta asserção pululam no microcosmo litterario.

V. Ex. conhece, como toda a gente, a celebre e graciosissima fabula de La Fontaine—“A leiteira e o pote de leite”—em que Perrette vai caminho da cidade com uma bilha de leite á cabeça, pensando em vendel-o e do producto comprar ovos para, ao depois de vendidos os pintos, comprar um porco e, com o producto deste, uma vacca, que a fará rica e independente... quando, enlevada com estes pensares, põe-se a dançar e atira com a bilha de leite em terra, vendo assim o seu sonho tristemente desfeito.

Suppõe V. Ex. que este pensamento é original de La Fontaine?

Engano: um seculo antes do fabulista francez, um poeta luso — o grande Gil Vicente—tão celebre e tão chistoso que o notavel philologo Erasmo de Roterdamo aprendeu o portuguez só para lél-o e que tinha por imitadores Lope de Vega e Francisco Quevedo, havia escripto o “Auto de Mofina Mendes,” onde a heroína, como Perrette, com um pote de azeite á cabeça, diz :

Vou-me á feira de Trancoso
Logo nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso,
Do que este azeite render
Comprearei ovos de pata,
Que é a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão.
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada,
Por estes ovos de pata
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com um brial descarlata,
E diante o desposado,
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assim dest'arte bailado
Esta cantiga cantando.

E a rubrica do auto diz que, neste ponto do enlevo de Mofina Mendes, o pote de azeite cai-lhe, e a pobre rapariga, ao ver o seu sonho desfeito, cantando exclama para os pastores Payo e Pessival, que a increpam pelo desaso :

“Por mais que a dita m'engeite,
Pastores, não me deis guerra;
Que todo o humano deleite,
Como o meu pote de azeite
Ha de dar comsigo em terra.

A semelhança entre os dous graciosissimos apologos—o do fabulista francez e o do poeta portuguez—é frisantissima: o que é ali Perrette, aqui é Mofina Mendes; o que ali é bilha de leite, aqui é pote de azeite; de resto, a conclusão e a moralidade são as mesmas. No entanto, ninguem accusou o “bonhomme” francez (como o chamava Molière, que lhe prezisse a gloria) de haver plagiado Gil Vicente, mesmo porque, tendo

elle imitado abertamente Phedro e Esopo, não se esquivaria á vulgar prohibida de litteraria de declarar que tambem tinha imitado Gil Vicente.

Mas o curioso, minha senhora, é que, se a increpação de plagiario coubesse a La Fontaine em virtude da “Leiteira e do pote de leite,” tambem caberia a Gil Vicente, em virtude do “Auto de Mofina Mendes.”

E isto porque, muito antes de apparecer este auto, já um livro indiano, muito antigo e denominado “Pautcha—Tautra,” contava o caso de uma tal Soma—Larma, que levando á cabeça, uma infusa com farinha, tal qual como Perrette e Mofina Mendes, começa a fazer castellos no ar e acaba por atirar com a infusa em terra.

No entretanto, é certo que Gil Vicente não conheceu o “Pautcha—Tautra,” como certissimo é que La Fontaine nunca lera o “Auto de Mofina Mendes.”

Mas, não pense a minha gentil interrogadora, que as variantes que teve o assumpto do gracioso apologo da “farinheira e da infusa de farinha” param aqui.

Mais modernamente, Lope de Rueda aproveitou-o para o entrecho de uma comedia, que tem por titulo “Las aceitunas.”

E' o caso de um lavrador, que, depois de haver plantado muitas oliveiras, vem para casa celar e põe-se a conversar com a mulher sobre o trabalho que fez. A mulher, como Perrette, Mofina Mendes e Soma—Larma, começa a construir castellos no ar e lembra que as oliveiras, plantadas naquella dia, dahi a seis ou sete annos darão azeitonas, que ella as colherá e que a filha as irá vender á feira a dous reaes o salamin. O marido não concorda com o preço por achal-o baixo e diz que não devem ser vendidas a menos de quinze dinheiros; mas a mulher não cede de seu preço.

Da divergencia dos preços, nasce a disputa e ambos consultam a filha. A filha inclina-se para a opinião do pai e, d'aqui resulta que a mãe lhe prega uma sova. Intervem um visinho para aplacar a tormenta e, constituindo-se arbitro para resolver a questão, pede que lhe mostrem as azeitonas para elle julgar do seu valor. E' só, então, que os disputantes se lembram que as oliveiras foram plantadas n'aquelle dia e que por causa das azeitonas, que deviam nascer d'ahi a sete annos, já a filha levava uma sova!...

Como V. Ex. vê, o assumpto é sempre o mesma com forma varia: a desillusão proveniente de um sonho ambicioso forjado pela imaginação.

E, como no caso da comedia de Rueda, D. Antonio de Trueba escreveu tambem um conto, “Juan Palomo,” em que um marido têm grave questão com a mulher por causa de um filho que ainda está por nascer!...

Plagiarios estes tambem?

Não, é o “nihil sub sole novum,” de que ainda nos dão a prova as inscripções e legendas poeticas encontradas nos muros e paredes do forum de Pompeia, soterrados ha 15 seculos sob a lava do Vesuvio.

Diz Mac Monnier, no seu livro “Pompeia e os pompeianos,” que uma das inscripções encontradas modernamente nas paredes do forum pompeiano e gravadas a ponta de prego, provavelmente por oculos d'aquelle tempo, contem estes dous versos latinos :

Scribenti me dictat Amor monstrat que Cupido.
Ah! peream sine te si Deus esse velim.

O primeiro destes versos encontra-se na "Divina Comedia" de Dante, que, aliás, nunca pôz, nem podia pôr, os pés em Pompeia. Ell-o:

Io vo scrivendo como amor me spira.

O segundo verso, diz ainda Mac Monnier, tem sido innumeradas vezes reproduzido pelos nossos elegiacos, plagiarios sem o saber, e significa:

Ah! que je périsse, si je voudrais être Dieu sans toi!

"E' ainda a canção do bom rei Henrique:

Si le roi m'avait donné
Paris, la grande ville,
Et qu'il me fallut quitter
L'amour de ma mie,
Je dirais au roi Henri:
Reprenez votre Paris!
J'dime mieux ma mie
O gué,
J'aime mieux ma mie.

"Decididamente o auctor desta velha canção nunca imaginou que um pompeiano, sem duvida um escravo, tinha inscripto, com um prego, a mesma idéa, quinze seculos antes d'elle, numa das paredes da cidade soterrada.

E fique V. Ex. sabendo que, nesses mesmos muros, agora exhumados, a cada passo, se encontram versos de Ovidio, de Propercio e de Virgilio, desse Virgilio que tanta vez foi accusado por Baylo e Mévlo de haver plagiado Homero, como Homero, antes d'elle, já tinha sido accusado de haver plagiado Orpheo e Linno.

A estas accusações, injustas a mór parte das vezes, ruros cultores das letras escapam, minha senhora; e V. Ex. deve recordar-se que o grande épico portuguez—Camões—soffreu-as do auctor dos "Burros," esse padre ambicioso, que, querendo supplantar os "Lusitânicos," compôz o poema "Gama ou Oriente," onde, á laia de preambulo, escreveu, com referencia ao grande épico, esta estrophe ousada e immodesta:

A' quem do vôo ousado,
O' Cysne altivoante,
No espaço dilatado
En não posso ficar, eu corro ovante:
A divina poesia
Toda a mais altos céos meus passos guia?

Como vê, não se pode ser mais pretenciosamente tolo!...

Além dos exemplos, que deixo citados, para demonstrar o meu asserto, muitos outros poderia adduzir em prol d'elle, mas apenas citarei mais um.

Esse diz-me respeito e V. Ex. me releva a immodestia que, no caso vertente, não é filha da vaidade.

Ha annos, em 1880, eu publiquei, nas columnas do DIARIO DE SANTOS, um conto intitulado "Bertha" que, dous annos depois, reimprimi com outros contos em volume a que dei o nome de "Arminhos."

Pois bem; dous annos depois da apparição deste volume e quatro annos após a publicação do conto no DIARIO DE SANTOS, o malogrado Guy de Maupassant, dá á estampa o volume "Clair de Lune", onde ha um conto "L'enfant," depois transformado na comedia "Musotte", que explora precisamente o mesmo assumpto, que eu havia explorado na "Bertha" e que é tão assombrosamente parecido com este, que até as principais situações são as mesmas, os dialogos quasi os mesmos e o nome da principal heroína—Bertha—igualmente o mesmo.

E' para mim evidente que Guy de Maupassant nunca leu o meu conto nem d'elle teve a mais remota referencia, máxime, por ser elle escripto em uma lin-

gua pouco familiar dos escriptores francezes e quasi desconhecida da maioria dos habitantes da terra.

Não teve, pois, o infeliz Guy conhecimento algum desse meu conto e escreveu o seu suppondo que fazia um trabalho original.

O facto de elle o ter escripto e publicado quatro annos depois que o meu viu a luz da publicidade salva-me a mim, humilde auctor desconhecido, da pecha de plagiario.

Mas imagine V. Ex. que se dava a inversa: que era eu quem tinha a infelicidade de publicar o meu conto quatro annos depois de publicado o de Maupassant?...

Não faltaria, certamente, quem me accusasse de haver plagiado o escriptor francez e eu proprio teria difficuldade em me defender da accusação e soffreria resignado o injusto labem.

Mas isto, minha senhora, vem attestar a difficuldade de ser-se original em litteratura, mesmo quando se não quer imitar nem copiar.

O nosso campo de acção intellectual é limitadissimo, de modo que não é para causar estranheza que um mesmo pensamento acuda simultaneamente ou em epochas diversas a diversos cerebros.

A differença que vai entre o plagiario e o que não o é, é que o primeiro, á mingua de idéas, copia servilmente as idéas alheias com as mesmas palavras, como uma machina; e o segundo pode inconscientemente reproduzir o pensamento alheio, mas dando-lhe sempre o cunho do seu estylo individual e a feição da sua maneira propria.

De resto, isto de pretensos plagios é uma fatalidade que ha de perseguir sempre os homens de letras. Já Antonio Feliciano de Castilho exclamava em 1853: "Porque fatalidade ha sempre, de toda a parte, mão armada contra os pobres cultores de letras? Não lhes basta para a miseria e andarem quasi sempre malavindos com a fortuna? Ha de ainda vir a calumnia, na côla da critica, enchovillar-lhes, como harpia fetida, quanto produzem? A censura illustrada e honesta é medicina: ainda quando nos amarga aproveita-nos; a satira é veneno. Os espiritos malevolos, e mais ainda os malevolos sem espirito, não podendo chegar a Aristarcos, vingam-se em se fazer Zoilos; se não de curar, assassinam. Como a arte é longa, o talento e o juizo raros, o exame consciencioso difficillimo, o qualificar acertos e desacertos mui arriscado, em toda a parte os vereis, á falta de melhor, precipitam-se sobre um livro novo, como cães damnados, ladrando e uivando: "plagiato, plagiato."

Disse isto o grande mestre de nossa lingua e nunca se disseram verdades mais profundas do que essas com relação aos desafortunados, que mourejam na charneca das letras.

Sejamos indulgentes, minha senhora, com os que começam e até com os que acabam e tenhamos escrupulo em julgar leviana e severamente o trabalho litterario alheio que, em geral, só por excepção, deixa de ser honrado.

E V. Ex., que mais de uma vez deve ter dito a quem lhe suggerer um alvitre: — estava pensando n'isso agora mesmo—, deve ver nesta phrase como é frequente o encontro dos pensamentos humanos e a profundesa d'esta outra phrase: "Nihil sub sole novum."

GARCIA REDONDO.

S. Paulo, Outubro, 1893.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

III

ANNA JUDIC

Toda riso. Nos olhos, grandes, viros.
A palpitante chama da malicia.
Olhos negros, de brillos inclisivos,
Em que canta dos beijos a caricia.

De mais lindos — por Deus! — não ha notheia.
Nem de idéas jovias tão suggestivos.
Velos, nadando em riso, é uma felleia
Que alonda os corações mais positivos.

A voz, a voz é um fio de agua pura.
Rolando em ondas claras, suavemente,
Em que ha risos e queixas de mistura;

Que canta em modo tal que, ouvindo-a, a gente,
Não sabe o que lhe entrou dentro do peito.
Que assim o fez alegre e satisfeito.

Junho — 1893.

VALERIO MEDEAS

POESIA E POETAS

PALLIDAS — *Poesias do Dr. Fernando de Alencar. Ouro Preto, 1893. 162 pag.*

Nunca vimos titulo que tão bem casasse á obra a que pertence, como o que encobria estas linhas. O auctor de tal obra e de tal titulo assigna-se Dr. Com certeza não o é em medicina, porque então chamaria suas estrophes não de pallidas, mas sim de anemicas, e, em vez de apresental-as em publico assim tão descoradas e tão fraquinhas de pernas, trataria de dar-lhes, antes de tal exhibição, o oleo de figado de bacalhão ou o ferro de Quevene (*de quem vem* dizia um habitante de um logarejo do interior, onde morei.)

Dar-se-lia caso que o Sr. Alencar não tenha lido os modernos poetas? Será possível que não conheça, já não direi os versos de Banville e de Baudelaire, mas os de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, para só citar os nossos poetas mais celebrados? Cremos que nem de nome os conhece.

Quem lê o livro desle cavalheiro, vê logo que a canção da sua phantasia poetica está encalhada ha uns bons quinze annos nas *Espumas fluctuantes*.

Ficou extasiado o barqueiro a olhar para o albatroz de Castro Alves, e, desta contemplação nem o conseguiu arrancar a radiante e sonora revoadas das pombas do autor das *Symphonias*, nem o magestoso e retumbante baque da *Arvore gigante* de que nos falla o cytharedo das *Meridionaes* nos seus *Sonetos e poemas*, nem a lucida palestra das coruscantes estrellas, que só pelo illuminador da *Via Lactea* foi ouvida.

O Sr. Alencar está muito atrazado. Atire fóra a cuia com que foi beber salobra inspiração nas *Espumas* do auctor dos *Essays*, e veja se consegue arranjar a amphora de opala e de ouro com que vão hoje os cultores da Rima a Hypocrene beber os novos ideaes horbulhantes e rubros como agonias de sóes.

Trazer ainda o estro mettilo no rodaque e nas calças de alcapão da antiga decina, e do verso *solto!* Santa Barbara... E' exactamente esta soltura de verso que lhe está empobrecendo o organismo da obra! Que a sciencia do medico procure emendar o erro do poeta. Uma receitazinha, doutor! O hismulho já não será em taes casos applicado com felicidade? Recorra então á samarria. Adstringentes no caso.

O Sr. bem sabe disto.

Quem sabe, porém, se o auctor do livro não é formado em direito?

Esta hypothese é inadmissivel.

Quem lida com leis e codigos não desconheceria certamente o codigo da moderna poetica e as leis da boa metrificacão e da boa

rima. Versos como o Dr. Alencar deu á estampa, só devem ser perpetrados para serem mettidos... no fundo da gaveta.

Faz-se a versos desta ordem o que se faz aos pepinos crus. Cortados ás fatias e mergulhadas estas em sal bastante, vinagre e sufficiente pimenta, enfim, preparada a salada, chega-se a gente a uma janella das mais altas e... pespega com tudo aquillo, menos o prato, no meio da rua (procurando no entanto salvar o nariz de algum pacato transeunte que por acaso passe no momento.)

Os versos do doutor em questão são velhos como a chuva de pedra e o azeite de peixe. Razão porque não lhes mexemos mais.

Respeito á vellice.

STALACTITES, de Julio Cesar da Silva. São Paulo, 1892. 92 pags.

Bem impresso. E' um pequeno mas elegante in-folio, o que temos á vista, que a gente lê de um folego, da primeira á ultima pagina, e volta a ler de novo, sem fadiga e com prazer.

Parabens ao poeta! Tanto hem nos fazem ao espirito, tanto nos deleitam as doces melodias do verso bem acabado, quanto nos matam de aborrecimento as versalhadas desencabeçadas e pulhas, sem conceito e sem inspiração.

Que venham de quando em vez assim umas lufadas de legitima poesia, em que possamos desinfecar o entendimento dos miasmas apalhados nestes atoleiros, que cavam no Parnaso os poetas de meia tijella; atoleiros nos quaes a critica tem ás vezes de atolar-se até aos olhos, vindo depois para fóra, crivada de asneiras, como se fossem sangue-sugas.

Bem vindas sejam as *Stalactites*. Começa o livro por um poema que lembra vigorosa symphonia de opera, rica de doces accordes e fulgurantes adagios.

Tem por titulo este poema *Lyra intima*, sendo cada corda da afinada lyra uma poesia inspirada.

Merecem egualmente ser citados o poema *Averno*: as poesias *A aguia*, *Peignoir de estrophes*, *Margarida*, *Lenda*, *Marcia* e os sonetos *Intima lenda*, *Dolor*, *O suicidio do bohemio*, *Sobre um seio* e por aqui fico, senão, acabo citando todos.

Agora permita o poeta que enfeite este ramilhete de phrases amigas que lhe envio tirando ao bouquet da sua inspiração esta bisarra flôr, de que cada rima é uma colorida e perlumosa petala:

AMOR

"Poeta, que podes levantar a palma
Do amor acima das miserias: poeta,
Para a ventura, em vida, ser completa,
Não é bastante haver amores na alma:

Pois o amor, muita vez, por uma infecta
Região as azas candidas espalma:
E, ahí, fingindo acarrear a calma,
Amargos soffrimentos acarreta.

Por isso guarda-o no missal da crença,
Embora em flamma ardente se transforme;
Porque a flamma do amor é tão incerta

Como a luz de uma lampada suspensa,
Que ora se alonga quando o vento dorme,
Ora se abate quando o vento esperta.

Quem assim estrea (e note-se que todos os outros sonetos do livro não são em nada inferiores ao que vai acima transcripto) quem assim estrea, pois, quem tão gallhardamente jurou bandeira no invencivel batalhão dos rimadores, e cantou logo victoria na primeira revolta de metros com que enfrentou, certamente logrará dentro em pouco a patente de general, e estou certo que nenhum outro melhor do que elle saberá commandar o exercito das estrophes, resoantes de rimas polidas como espadas de velhos paladinos.

Que a doirada borboleta que ha de forçosamente romper do casulo brilhante das

Stalactites não tarde muito em vir esvoaçar sobre as nossas cabeças, deslumbrando-nos os olhos com as exquisitas cores das suas azas sonoras.

As nossas palmas ficam desde ja engatilhadas para o segundo successo!

ASCANIO MAGNO.

EM OURO

A. MAX FLEIUSS

Rendilho no ouro o verso em leve lhama:
Logo, offuscando a pavida pupilla,
A rima esplende e corre na aurea trama,
Como uma gotta de ouro, que scintilla.

Crebra, vibrando em rythmo, tintila
A phrase fina, que o lavor recama,
E a estrophe accessa de irriante chamma
Em ascuas de ouro tremula fuzila.

Attento o olhar, nem conto o tempo breve,
Atheio a tudo, a mão serena e leve
Subtil... subtil, correndo no thesouro.

Enredo, enteio os fios de ouro fino,
E ao geito de um ourives florentino,
Bórdo o soneto em filigrana de ouro.

Rio—14—10—93.

VICTOR SILVA.

CURIOSIDADES LITTERARIAS

Communica-nos pessoa que modestamente se assigna "Escriptor que não escreve" a seguinte nota, bastante curiosa:

Canção bacchica

Julio Ribeiro, no "Padre Belchior de Pontes," faz o jezuita Mazzolani entoar esta deliciosa canção:

Quam dulces,
Amphora amena,
Quam dulces
Sunt tud voces,

Dum fundis merum in calices!
Utinam esses semper plena!
Ah! ah! cara mea lugena,
Vacua cur jaces?

Ainda que os versos estejam entre virgulas dobradas, não deixará o leitor desattento de attribuil-os ao romancista, tão senhor da lingua latina como de varias outras. Não ha uma nota que indique a procedencia da canção, cuja historia o erudito J. Ribeiro não desconheceria, mas por brevidade omittiu.

Molière compoz para sua comedia "Le Médecin malgré lui" estes versos que Sganarello canta no 1º acto scena 6ª:

Qu'ils sont doux,
Bouteille jolie,
Qu'ils sont doux

Vos petits glougloux!

Mais mon sort ferait bien des jaloux,

Si vous étiez toujours remplie.

Ah! bouteille, ma mie,
Pourquoi vous videz-vous?

Conta Warée, nas "Curiosidades Judiciarias," que o presidente Rose, achando-se com Molière, de quem era amigo, em uma numerosa reunião, accusou-o de ter dado como original a canção de Sganarello, que aliás não passava de tradução de um epigramma latino, imitado da anthologia grega. E recitou a primorosa versão latina que elle proprio fizera dos versos de Molière, e que acima transcrevemos. Foi completo o effeito do gracejo, e o proprio Molière ficou embaraçado por um momento, até que Rose se confessou auctor da versão.

A' BEIRA-MAR

A' beira-mar, quando o dia
Branqueia as vélas do porto,
Vem olhar a espuma fria
Uma mulher sem conforto.

As ondas parecem vagos
Mas amplos, fulgidos cofres,
E os olhos d'ella dois lagos
Por onde correm aljofres.

Foi por alli que uma véla
Partiu, á luz do poente,
Levando-lhe a alma singela
E o noivo pallido e ardente.

E ao som das vozes latinas
Rola a espuma e rola o mar;
As ondas dizem surdinas,
E a noiva põe-se a cantar:

"Role o pranto dos meus olhos,
Pranto dos meus olhos tristes.
N'um mar de negros abrolhos
O' alma porque resistes!

Dei-lhe um collar de presente,
Mas um collar que eu trazia
Aqui, no seio tremente,
Dia e noite, noite e dia.

Joia que elle adore emquanto
Viaje em mares tristonhos...
São contas — gottas de pranto,
São cadeias os meus sonhos."

Depois o crepuse'lo desce,
Desce lento, lento, lento,
Como um véo alvo apparece,
Surge o luar somnolento.

E ouvindo-a nesses retiros,
Foge o sol, quêda-se o mar:
As ondas soltam suspiros
E a noiva põe-se a chorar...

LUIZ ROSA.

VIVENDO...

(NOTAS INTIMAS)

10ª NOTA

A minha alegria! falae na minha alegria!... E' falsa... ephemera, eu vos digo!... O sonho da minha alegria, a loucura da minha alegria, sim! — não a minha alegria — apenas estas palavras, sómente: a minha alegria; pois que a dôr logo me toma...

Venho de nascer, parece-me, quando ella me canta n'alma; venho de nascer; não tenho passado; neste momento só começo a ver, a sentir... A minha alegria é feita de esquecimento: basta que a experiencia de toda a minha vida se me accorde no espirito, e eu já não rio, já não posso rir: os braços abertos ainda para o espaço, n'uma expansão de prazer,—logo se me prendem ao corpo; os labios que eu descerrara num riso gemem-se-me n'uma contorção de magua... a dôr chora-me dentro como um toque tristissimo de Angelus...

Porque eu não seria um grande campo verde, que o sol viesse nimbar de ouro, todas as manhãs,—que o luar nimbase de prata, pelas formosas noites de primavera? porque eu não seria um grande campo verde, sempre novo e coberto de orvalho, que, para ser feliz, para vi-

ver n'um constante riso de alegria, bastasse que a inconsciencia do vigor da terra o conservasse constantemente verde, que o sol não o aquecesse muito, que o céu tivesse, desde que lhes fosse preciso, um pouco d'agua para refrigerar-o, — conservando-o sempre assim: verde de uma só cor, verde, de um verde esmeralda, que a luz do sol nimbasse de ouro, fazendo-o scintillar e tornando-o, deste modo, ainda mais comparavel a esse mi-nereo, cor de esperanza, no dizer do vulgo, assim exprimir querendo, talvez, que esse sentimento, o mais revigorante, de certo, só a cor possa ter da natureza, feliz pelos dias de sol e de exuberancia...

Porque eu não seria uma montanha, um mar, uma nesga de azul, uma flor — de uma hora apenas, de um momento embora, a que bastasse, para ser feliz... para ser alegre, um canto de jardim — uberrimo, um pouco de sol, um pouco de sombra, um pouco de agua, apenas!...

11ª NOTA

Bem ao meu lado—esse homem. Uma coroa parecia querer rebentar-me do peito. Encolhi-me, sentia-me humilhado. Era um desses touros feitos homens; grande, chelo de carnes... e rubro... sanguineo, todo elle um protesto contra a minha pallidez, a minha estatura, a minha fraqueza de anemico...

De soslaio eu o olhava, porém. Era uma curiosidade mesclada de uma especie de desconfiança, que, instinctivamente, me chamava a attenção para a sua face apopletica, o volume do seu corpo; e me fazia medli-o, n'um inalteravel psumo...

Uma enrosidade maior parou-me o olhar sobre o seu craneo... Ah! se eu pudesse estudar-lhe a expressão dos olhos!... Que haveria ali dentro dessa cabeça!... Que sentiria esse homem?... Nada! nada! dizia-me o coração que cousa alguma,—o que se chama—nada! Com uma saude assim, era impossivel: o contrario—como? E nascia-me, rebentava-me, dentro do peito, um odio... uma repugnancia por aquella victoria bruta da natureza; essa repulsão que eu sempre sinto diante de um "sadio," de um "forte..."

Não, esse homem não podia ser como eu: a materia seperabundava tanto nelle que a sua alma devia de achar-se lesada. Burquez! comer, beber, dormir bem, noites deliciosas de um sono só e sem sonhos, "ganhar, ganhar" muito, para satisfazer todos os seus gozos e appetites de equillbrado, de espirito pratico... nada mais.

Civilisação, idéas, sentimentos, sensações, é que elle precisava disto! a sciencia, a arte, o amor, a gloria... que lhe importava isto, onde a necessidade disto? O amor... apenas; mas o amor como elle o sabia: a posse immediata e brutal, uma necessidade, apenas, que se satisfaz...

De soslaio embora, o meu olhar, de certo, já o feria... Encolhi-me mais ainda: uma amargura, uma dôr, irromperam-me dentro; que valia tudo quanto eu pensava e sentia, se esse animal, esse touro bravo e forte podia-me derrubar com um dedo, quebrar-me entre as suas mãos como quem quebra um boneco!...

Não! eu não posso admittir que si-tuaes e penseis "homeus fortes": ca-saes-me asco, tendes a meu desprezo.

RAUL BRAGA.

INVERNO

Chega o inverno cruel; chuvas cortantes
Levam na enchente os campos arrazados,
E as campinas e os prados ondeantes
Perdem as flores, quasi abandonados.

Morrem nas eiras, frios, regelados,
Os passarinhos; ventos soluçantes
Deprim as grandes arvores possantes,
De troncos nus e braços enrijados.

Tudo destrói, tudo devasta o inverno;
Lá fóra o campo morto, e emtanto um terno
Brando calor acorda-me os desejos.

Que importa o inverno, se o teu corpo é quente,
Se tenho o teu olhar, lizo e dormente,
E a clamma rubra dos teus longos beijos?...

PLACIDO JUNIOR.

OS COLLEGAS

Excellento o n.º 12 d'O ALBUM. Dá em phototypia o retrato de Arthur Napoleão—um dos melhores que tem sahido do "atelier" Gutierrez. Texto muito variado e interessante, sobrelevando a chronica de A. A. (o nosso bom e estimado Arthur Azevedo) e o delicioso, o adoravel conto, bem conhecido, de Machado de Assis, intitulado "Cantiga de esponsaes."

Entre as noticias amaveis com que sóe ser recebida A SEMANA, sobresahem num relevo de extrema gentileza as d'O PAIZ. Não sabemos como agradecer ao valente e patriótico organ republicano, verdadeiro modelo de jornal noticioso e popular, tantas mostras de bondade e sympathia.

Sob a intelligente direcção do illustre Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, reappareceu em Ouro Preto, O ESTADO DE MINAS.

N'um bem elaborado artigo de apresentação, offereceu o Dr. Olyntho o programma da nova phuse do ESTADO DE MINAS. Prevemos o brilhantismo com que serão sustentadas as patrioticas idéas contidas n'aquelle programma, attentos os meritos do illustrado redactor-chefe.

Saudamos effusivamente ao collega e ao seu distincto director.

NEVE E SOL

Era, como um canario, encantadora.
Puro e gazil, como um canario era;
Por isso quando foi-se a primavera,
Com a primavera Nelly tambem fóra.

Hoje, saudosa no paiz da loura
Miss, onde o frio cruelmente impéra,
Vive de pelles cullidas de féra
Toda coberta, fria e seismadora.

Mas, eu que tenho dentro no peito immenso
Fogo de amor por ella, eu que a desejo
Viva e feliz, nos braços meus o duetto

Do amor cantando, contra o frio intenso
Quero aquecê-la e á rubra bocea um beijo
Mando-lhe, ardente, aqui n'este seucto.

Recife.

ALCINDO CORELHO.

Factos e Noticias

FRANÇA E RUSSIA

A esta hora Paris abre os seus salões e recebe delirantemente os officiaes da armada russa, que estaciona presentemente em Toulou. O povo francez para receber os seus amigos preparou-se de modo ruídozo e nesses preparativos, nos artigos dos jornaes, em tudo sente-se

a explosão do enthusiasmo d'aquelle grande e inimitavel povo, que, alliado á Russia, dictará a lei ao mundo.

Ha pouco tempo, Guilherme II, da Allemanha, dirigiu em pessoa as grandes manobras do exercito allemão em Metz. Embora não commettesse nenhuma das suas levandades habituaes, o monarcha allemão approxlmou-se o mais possível da França, visitando e fazendo mover as suas legiões guerreiras em sólo que pertence á patria de Thiers mas que jaz sob o dominio da Allemanha, em consequencia da nefasta e crudelissima guerra de 1870.

O herdeiro presumptivo do throno italiano acompanhou o soberano allemão, e enquanto estes aos gritos do famoso "hoch, hoch" assistiam á desfilada dos batalhões, uma poderosa esquadra russa, tendo á frente o celebre almirante Avellan, com o seu pavilhão arvorado no "Pamiat Azow" demandava o porto de Toulou e, dias após o proprio czar, visitava em Copenhague um navio de guerra francez.

Estas provas de profunda amlsade das duas mais potentes nações dos nossos tempos alegram-nos sobremaneira, a nós que só desejamos a paz, a harmonia, a concordia, pois, unidas, a França e a Russia impedirão por muitos annos a conflagração européa.

"A Semana" associa-se á alegria que tão justamente invade o coração do povo francez e acompanha-o nas saudações á Russia, pois nessa união formidavel vê e presente a paz européa.

MAC-MAHON

Como annunciaram os jornaes e os telegrammas, falleceu a 17 do corrente este illustre francez, nascido em July, a 13 de julho de 1808, e que tanto illustrou as paginas da historia do seu paiz com os seus altos feitos d'armas e com a sua bella e voluntaria demissão de Presidente da Republica Franceza em 30 de janeiro de 1879, apesar de possuir extraordinarios elementos de resistencia no seu poderoso exercito. Não quiz, porém, o illustre heroe de Magenta empenhar-se em uma lucta parlamentar contra Gambetta e resignou o poder que lhe veio ter ás mãos pelo mesmo congresso.

GOUNOD

A arte veste-se de crépe, prostra-se sentida e chora ante a noticia dolorosa transmittida pelo telegrapho e agora espalhada por todo o mundo civilisado do fallecimento do celebre maestro Gounod, que ha trinta annos illustra a arte divina de Schubert, de Wagner, de Verdi e que era a sua tambem.

Gounod para tornar-se conhecido não precisava, a nesso ver, ter escripto o seu magistral "Fausto", possuidor de sublimes e inimitaveis trechos de musica, mas de uma musica sentida, cuja fama ainda hoje repercute por todo o mundo, onde é comprehendida a arte, e encontra interpretes e faz a satisfação das plateias escolhidas.

O "Fausto" foi sem duvida alguma o seu melhor trabalho artistico, mas quando mesmo Gounod não tivesse escripto essa opera, bastava para firmalo bom entre os bons artistas os seus trabalhos subseqentes taes como o "Romeu e Julieta", "Polyeucte", "Mireille" e "Cinq-Mars", etc.

A sua "Ave-Maria", que é um primor, um poema reflecto de um infinito mya-

ticismo suave, corre mundo ha muito tempo e ainda ha dias, um dos nossos collegas de redacção, ouvindo, interpretada ao piano essa esplendida peça musical, compoz uns versos que foram publicados nestas columnas e foram escriptos talvez como um prenuncio do desaparecimento do grande vulto da arte, como uma homenagem talvez, á esplendida, á rara e adoravel peça musical.

Que os rouxinões cantem-lhe agora em torpo do tumulo as mesmas melodias gratas e dulcissimas que elle espalhou em vida pelo seu caminho, que os cyrestes, os mesmos cyrestes sob cujas frondes altas jaz em eterno repouso o corpo do grande Gounod, que os cyrestes vibrados pelo rumor do vento, entornem-lhe sobre a campa, todos os rythmos que a sua alma esflorou, todas as notas melodicadas e ternas que o seu coração soube cantar.

A arte está de lucto.

Nós tambem, que adoramos a musica, que nos deliciamos tambem com as adoraveis paginas do "Fausto" e do "Romeu e Julieta", curvamo-nos ante o tumulo desse que foi um sol de extranho brilho ao mundo da arte musical.

COM O CORREIO

Em carta que a 10 do corrente dirigimos ao director dos correios pedimos áquelle funcionario providencias para que não continuassem os extravios e retardamentos de que tem sido victima "A Semana". Parece-nos que o Sr. Demosthenes não ligou importancia á nossa reclamação por isso que as faltas continuam.

A vista disto dirigimo-nos hoje ao Sr. Ministro da Industria rogando a S. Ex. que se digne influir para que "A Semana" sendo postada no correio geral nas noites de sabbado, não chegue a S. Paulo sinão 4 e 5 dias depois.

Sendo "A Semana" um jornal exclusivamente litterario não pôde ser suspeita nem mesmo ao sustentaculo da ordem... postal.

Falleceu ultimamente nesta capital o conhecidissimo professor James Edwin Hewitt, incontestavelmente um homem de grande illustração e de solido character.

A sua morte tem sido muito sentida pela geração que hoje figura nas letras, na sciencia e na politica, pois raro é o moço que não haja recebido as boas lições do professor Hewitt.

Uma perda lamentavel.

Compartilhamos da grande dor que punge o coração do nosso bom amigo e velho companheiro Belmiro de Almeida. Este distincto artista acaba de ver sumirem-se para sempre na escura treva do tumulo e no curto espaço de alguns dias, um irmão e uma irmã a quem idolatrava. As nossas condolencias.

Finou-se tambem na semana passada o ex-senador Silveira de Motta, um dos mais ardentis abolicionistas e que na tribuna judiciaria e na palamentar deu sobejas provas do seu grande talento.

A POLITICA

Como annunciámos, o nosso director apresentou a sua circular ao electorado do 2º districto da Capital Federal.

Diz o Dr. Valentim Magalhães na ultima parte de sua circular:

"Resume-se o meu programma em servir o povo; em servir-o:

—defendendo e sustentando a Republica Federativa Presidencial, tal como se contém, detalhes á parte, na Constituição de 24 de Fevereiro de 1891, por ser a fórma de governo mais propria deste emittissimo paiz americano e deste povo emittissimamente democratico e amigo da ordem;

—propugnando a egualdade de todas as classes perante a lei, não reconhecendo outro criterio nem outro titulo para o exercicio dos cargos publicos senão a competencia intellectual e moral;

—defendendo e buscando radicar o respeito incondicional á Lei e aos legitimos depositarios de seu poder;

—dando á instrucção publica primaria e professional o maximo desenvolvimento possivel, á custa mesmo dos maiores sacrificios;

—protegendo do modo mais eficaz a expansão da actividade nacional em todas as suas manifestações, dignificando o trabalhador pelo trabalho e o trabalho pelo trabalhador;

—esforçando-me por firmar o nosso crédito dentro e fóra do paiz, pela lealdade na execução dos compromissos e pela fixação da verdade dos orçamentos;

—procurando influir o mais possivel para o congraçamento de todas as facções e partidos, fazendo esquecer e apagar os odios e resentimentos accendidos pelas lutas e paixões pessoas;

—impugnando, emfim, tenaz e decididamente, todas quantas medidas se apresentem ou se proponham contra o livre exercicio dos direitos declarados no artigo 72 do nosso pacto fundamental.

Sei que todos os candidatos dizem, mais ou menos, o mesmo que acabo de dizer, e menos longamente—o que é melhor. Julgo, entretanto, que tenho algum direito a que se acredite na minha sinceridade.

Representante, humilde embora, das letras, da imprensa e do magisterio, tenho a desculpavel pretensão de reflectir, de alguma fórma, essas altas manifestações do espirito nacional e, por isso, de ter o direito de sujeitar esses titulos e mais o de minha probidade politica á vossa benevolencia—uma vez que outros não tenho."

NOVIDADES PARISIENSES

No "Ambigu" representou-se um drama, "Valmy" de Paul Mahalin, em 5 actos e 11 quadros.

Sem grande originalidade de assumpto, é muito commovente e sempre interessante, quer pelo bom arranjo das scenas, quer pela curiosidade dos varios quadros e de alguns personagens. A peça é patriotica e republicana. Nella apparece Danton, tanto em scenas de interior como na praça publica, arengando ás massas. Agradou muito.

"Cliquette" é uma peça ornada de canto, poema de Busnach, musica de Varney: aquella é divertida e esta agradavel.

Mas o grande successo theatral de agosto foram as dansas luminosas de mademoiselle Helena Gérard que executa a cavallo, no "Cirque d'Été" as dansas vaporosas que da America do Norte levou para a Europa a celebre Loie Fuller.

A sala fica inteiramente ás escuras (o que muito agrada aos namorados e ga-

tunos). A pista é coberta por um grande tapete negro. O cavallo vem vestido de preto, todo elle. Do alto do arco desce o osbre a dançarina fachos de luzes que mudam de cores, graças a uma combinação de vidros. Em redor da pista a dançarina, levada pelo galopar de corcel invisivel, faz fluctuar, como azas diaphanas, irisadas, flammanes, as suas longas vestes de gaze. De repente ella sobe aos ares, poisa sobre a cabeça dos espectadores como uma borboleta de fogo. E' que a dançarina acaba de ser suspensa ao ar por um fio de arame preso a um cinto de aço. Deve ser bellissimo!

COLLABORAÇÃO

QUE DOIS!

Comedia em 5 scenas

Personagens: ELLE e ELLA

SCENA I

(EM CASA D'ELLE)

ELLA (entra; chama-o; procura-o por toda a casa, mas não o encontra)— Não está!... Ah! eu não me enganava!... sou trahida!... Ah! os homens! São todos assim: a principio, é uma fracia infinda de juramentos... Nós, fracas mulheres, cedemos... depois é isto, abandonam-nos covardemente!... Ah! o vil, o miseravel!

(Pequena pausa durante a qual dá mostras de desespero)— E eu que o amo tanto, infeliz que sou! Sinto que não poderei viver sem o meu amor! (chorando) Ahn! ahn! ahn!

(Energica, a voz embargada pelos soluços, depois de limpar as lagrimas com um bello lenço de baptista)— Mas hei de vingar-me! Vou buscar um revólver e aqui mesmo, na sua casa, darei cabo da vida!... Senpre quero ver a cura com que ha de ficar o ingrato ao encontrar-me morta, morta de amor por elle! (Sahe tragicamente, deixando ficar o lenço sobre a mesa.)

SCENA II

(EM CASA D'ELLA)

ELLE (entra; chama-a; procura-a por toda a casa, mas não a encontra)— Não está!... Não me enganava pois... sou trahido!... Ah! as mulheres! São todas assim; a principio, a gente pensa lidar com a mais virtuosa filha de Eva... os seus beijos embriagam-nos, inebriam-nos os seus carinhos... depois, depois... (chorando)— Ahn! ahn! ahn! (Energico, a voz embargada pelos soluços)— Mas hei de vingar-me! Vou buscar um revólver e aqui mesmo, na sua casa, darei cabo do canastro! (Vae sahindo, tragicamente; de repente tem uma idéa; pára) Mas... não seria máo comer qualquer coisa! (Vae ao armario, tira pão e queijo, e sahe comendo; com a emoção esquece-se da bengala.)

SCENA III

(EM CASA D'ELLE)

ELLA (entrando, com um revólver na mão)— Eis chegada a hora da vingança! Uma bala, uma só, será bastante para libertar-me d'esta miseravel existencia!... A vida... a vida: a miseria, o lodo, a traição! Não quero viver, não quero! (acha o lenço que tinha deixado sobre a mesa, mas não o reconhece)— Um lenço de "crochet"... o lenço da amante, certamente! Ah! miseravel! Cá está a prova! Este molambo, has de encontral-o bem junto ao meu cadaver... quero ver que desculpas me darás! (Sen-

ta-se n'uma cadeira, encosta o revólver ao ouvido e puxa o gatilho; ouve-se um fraco estalido; espantada, examina a arma) Esqueci-me de carregal-o: ora bolas! Vou á casa buscar balas! (Sai, levando o lenço.)

SCENA IV

(EM CASA D'ELLA)

ELLE (entra com um revólver na mão) Eis chegada a hora da vingança! Uma bala, uma só, será bastante para libertar-me d'esta miseravel existencia!... A vida... a vida: a miseria, o lodo, a tração! Não quero viver, não quero! (Acha a bengala que tinha deixado, mas não a reconhece) — Uma bengala... a bengala do amante, certamente! Ah! miseravel! Cá está a prova: este "Petropolis," has de encontral-o bem junto ao meu cadaver!... (Lembra-se do pão com queijo e vai tirar outra dose; depois de engullir a ultima migalha) Que bom queijo!... (Tomando o revólver, leva-o á altura do coração) — E agora, adeus, vida! (Puxa o gatilho; ouve-se fraco estalido) Assim é que é, morre-se heroicamente! (Depois de alguns minutos de incerteza) Mas querem ver que ainda vivo? Que diabo! Verdade é que nada senti!... Não terla eu morrido?... (Vae-se certificar, quando entra ella.)

SCENA V

ELLA (entrando) — Que fazes?
ELLE — Tu!
ELLA — Eu, sim, que venho perguntar-te o nome da dona d'este lenço!
ELLE (sem olhar) — Dir-me-has primeiro a quem pertence esta bengala.
ELLA (tomando a bengala) — Mas... esta bengala é tua... Ful eu que t'a dei no dia dos teus annos (mostra-lhe o custão) — Cá estão as iniciaes: J. M.!
ELLE (embasbacado) — E'! J. M. sou eu!... A minha bengala... reconheço-a! (Corre a abraçar a amante.)
ELLA (detendo-o com um gesto) — Alto! Quero saber a quem pertence este trapo! (Dá-lhe o lenço.)
ELLE (depois de examinal-o) Mas... este lenço é teu; fui eu que t'o dei no dia dos teus annos; cá estão as tuas iniciaes: L. S.!
ELLA (examinando o lenço) — Com effeito! L. S. sou eu! (Corre a abraçal-o.)
ELLE (detendo-a com um gesto) — Dize-me uma coisa: onde estavas ha meia hora? Vim á tua casa e não te encontrei; donde vens?
ELLA — Ia fazer-te a mesma pergunta. Tinha ido procurar-te!
ELLE — Ful ingrato: desconfiel de ti! (Atira para um canto o revólver.)
ELLA — Sinto remorsos de igual crime! (Atira o revólver para um canto.)
ELLE — Perdoas-me?
ELLA — Amo-te!
(Abraçam-se e beijam-se; cahe o pano; a peça é pateada; confusão geral; assoblos e batatas: o empregario, para evltar maior prejuizo, ordena ao bilheteiro que restitua o dinheiro aos espectadores.)

PLINIO SYLVANO.

CORREIO

SR. A. FOSCOLO. — O seu conto "O ebrio" é passavel. Tem seus defeitos tem, manda a verdade que se diga, mas é passavel.

Cousas peiores tenho eu visto na minha peregrinação por este mundo de

Christo. Se o senhor nos mandasse cousa menos longa e mais cuidada...

Creemos que o melhor serviço que poderíamos fazer ao seu producto era applicar-lhe amoniaco e deixa-lo cosinhar a "mona." Em todo o caso, como a sua carraspana (lá d'elle, conto) é pacifica, cá nos fica o "chuva" reservado para maior de espadas.

SR. M. V. — Os seus versos são regulares, mas afinam por uma lyra que ha muito saltio fóra da moda.

Por esta razão, tenha paciencia, mas a sua "A" patria" vai soffrer uma hecatombe, vai cahir naquelle negro abysmo que devora quasi sempre as patrias escriptas com pouca syntaxe e muita banalidade.

Desculpe-nos expatriar-lhe assim a dlocubração, com que contava talvez ir á posteridade.

Para consolal-o lembramos-lhe o adagio que diz que "mal de muitos..." Quanto á posteridade, se tem o máu gosto de querer dar lá uma chegada, creio que irá mais depressa tomando algum bonde de Villa Izabel.

SR. A. ARAL. — Os seus "Sonhos" irão para a "Collaboração," quando nella houver espaço em que possam caber os seus quatorze versos, que, se não são um primor no genero, não tem comtudo joanetes, o que já é uma cousa muito de louvar!

SR. IGNACIO. — Sim senhor, lavrou um tento. Ao menos o senhor não nos vem chorar as suas miserias com lagrimas pouco crystalinas, nem referir as suas maguas, em lingua do Rio Grande com batatas. E' possivel que se lhe encontre no verso algum xuxú grelado (eu não achei, valha a verdade,) mas o que é certo é que o amigo tom graça.

O seu "Vagabundo," é um bohemio divertido. Ao menos este, em vez de com mão zaimbra arranhar nas harpas davidianas ou nas cytharas gomebundas, zangarreja o pinho, á luz da candea de kerosene, depois de haver matado o bicho na venda do Chileo Bolota. Ah!, cavacudo!

O "seu pé de banco" vai apparecer no Paraíso Alegre, deixe estar!

De cousas que façam rir é que a gente precisa nesta época de provações.

SR. C. C. — Quem é que lhe metteu aquillo na cabeça, moço?

Ora o diabo sempre as tece!

No seu aranzel o Sr. só se mostrou sensato no titulo.

Transposto o titulo, o Sr. entrou a desarrasador de tal modo, que ninguem mais lhe ponde ter mão. Que desgraça! "Desvarios" é o titulo da obra.

Não é máu, mas muito melhor andaria S. Mercê se, em vez de "Desvarios," chamasse a sua mistura de grelos de "Maluquices."

Olhe, meu amiguinho, eu sinto muito, mas... nós aqui não temos camisolas de força! Creio que no Hospicio ainda haverá lugar ao menos para mais um freguez!

Vá até lá, vá!

SR. O. S. — O seu "Meu filho" por mais que chore, não mamará, meu caro; é a noticia que lhe dou. Depois é um aleijadinho, o coitado! Traz as fraldas, fêiam-se rimas em miscro estado.

E que desigualdade em pernas e braços! E nem assim o Sr. se condoc e guarda comsigo aquelle aleijão das suas entranhas imaginativas! Que barbaridade!

Em vez de mandal-o cá para nós, que nunca nos demos ao trabalho de desma-

mar crianças alheias, antes V. Mercê lhe desse tonlecos a ver se o desgraçadinho se curava das gafeiras que herdou dos paes. Faça isto, meu caro; aguento com a sua bucha, que isto aqui não é roda de engeitados.

De quem é a porca, são os leitões.

Aguento-se?

SR. M. F. — Adeus, Thereza! Mal me livro "do criouço" do freguez de cima lá me surje S. S. a querer impingir-me a sua "Viuva." Pelo amor de Deus, homem, afaste-me dos olhos esse precipicio! Que introga! Olhem-me só para esta cachumba da mulher:

"Ella que nesta noite tenebrosa e fria."

E é preciso notar que maiores perchas tem ella. Querem outra? La vae:

"Mas que nunca suppoz um vendaval futuro, E que nunca suppoz o ver pela Indigencia..."

Bota n'agua salgada! Padre, Filho, Espirito Santo, com a mão canhota!

SR. A. G. — Pode mandar-nos a sua poesia. Recebel-a-emos com todo o prazer, tanto mais vindo recommendado pelo nosso illustrado collaborador Dr. C. Lopes.

ENRICO.

ARCHIVO

Recebemos:

— "Mensagem do presidente do Estado do Espirito-Santo", lida no congresso do mesmo Estado na sua sessão de instalação a 16 de setembro ultimo.

— "Theatro de Augusto Britto" — Este senhor, que é administrador dos correios de Maranhão, dedica-se nas horas vagas ao theatro de pequeno folego. Agora mesmo chega-nos daquelle Estado um sympathico volume de 132 pags. contendo tres produções do Sr. Augusto Britto e que se intitulam: "A perola preta", drama em 2 actos, "Amor Burlesco" e "Criticos Momentos", comedias em 1 acto. Lemos os presentes trabalhos que, francamente nos agradaram.

— De Juiz de Fóra, enviou-nos o Sr. G. Howyan, um exemplar da sua obra ultimamente publicada com o titulo "Assainissement et agrandissement de la Ville de Juiz de Fóra" E' um bello trabalho, que denota o talento e a proficiencia do seu autor, digno engenheiro civil, antigo discipulo da Ecole des Ponts et Chaussées, de France, e director dos Trabalhos Municipaes do mesmo paiz.

— "Revista de Educação e Ensino" — Temos sobre a nossa mesa de trabalhos ns. 7 e 8, do 3º anno, desta publicação utilissima que vê a luz no Pará. Traz excellentes artigos sobre pedagogia e uma parte litteraria regular. Acompanham os presentes numerosos duas phototypias representando a planta de Belém e um dos mais vistosos jardins municipaes.

— Do nosso prestimoso amigo Carlos de Carvalho, habil guarda-livros, recebemos um exemplar do seu bem elaborado "Relatorio da Contadoria" da camara municipal de S. Carlos do Pinhal, no exercicio de 1892-93; relatorio esse apresentado em tempo ao intendente respectivo pelo mesmo Sr. Carlos de Carvalho.

— "Chiquinha Mascotte" (contos) por "Ignotus" (Viveiros de Castro) 188 pags. Editores Laemmert & C. Rio de Janeiro, 1893. (Daremos breve o nosso juizo critico.)

Agradecidos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela,
reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia,
acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplên-
didos appaarelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o
a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção
de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de
M. M. JOUBERT, de Paris. Appaarelhos para correcção das
anomalias de implantação, obturadores para a abobada pala-
tina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeiitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na
bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã
ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

Dr. R. Najardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia • Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS**FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.